

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

Entre experiências e criações:

Ensinar e aprender arte como processo de formação

Resumo: Este texto é um diálogo entre experiências de formação em artes que atravessam a docência, a pesquisa e a criação. Para tal, mergulha-se nos estudos em defesa da arte como experiência de John Dewey em interlocução com outros pensadores da arte e da educação. O processo de ensinar e aprender arte é problematizado trazendo à tona caminhos de provocação e reflexão entre abordagens e metodologias contemporâneas. Compondo o momento presente, os desafios da educação e da arte entre experiências que revelam a urgência de uma formação inventiva nos contextos escolares docentes e discentes. Registros de uma performatividade docente que se propõe a partilhar o exercício da reflexão, da pesquisa e da construção do conhecimento a partir da experiência da arte com arte e em arte.

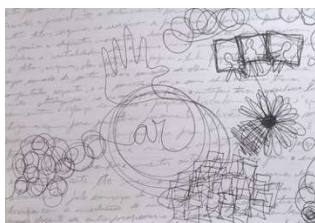
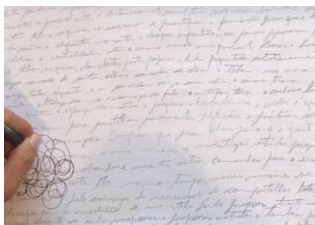
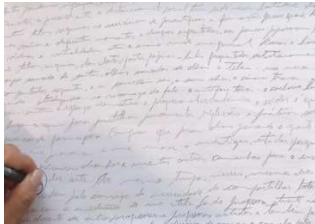
Palavras-chave: Arte educação. Formação docente. Experiência.

Between experiences and creations:

Teaching and learning art as a training process

Abstract: This paper is a dialogue between experiences of training in arts that cross teaching, research and creation. To this end, it immerses itself in studies in defense of art as an experience of John Dewey in dialogue with other thinkers of art and education. The process of teaching and learning art is problematized, bringing to light paths of provocation and reflection between contemporary approaches and methodologies. Composing the present moment, the challenges of education and art between experiences that reveal the urgency of an inventive formation in the school contexts of teachers and students. Records of a teacher performativity that proposes to share the exercise of reflection, research and knowledge construction based on the experience of art with art and in art.

Keywords: Art Education. Teacher training. Experience.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]*[Daniele de Sá Alves]*

Em meio a tantas mortes, pandemia, inflação, corrupção, máscara, vacina, escola, doença, 1ª dose, ansiedade, medo, 2ª dose, resistência, esperança, aula, 3ª dose, proteção, retorno, calendário escolar, estágio supervisionado, aula... buscamos ar!

Exercitar a presença em pleno distanciamento social é a nossa batalha diária e, entre telas, seguimos no exercício da formação. Em quase dois anos, diferentes batalhas enfrentadas, entre vídeos e lives e plataformas virtuais até o ensino remoto emergencial. Horas e horas de telas, arquivos, abas abertas, pastas, páginas e links frequentados cotidianamente, corpo cansado do sentar, olhos cansados de olhar a tela, e o computador esquenta, e a conexão cai, e o microfone chia e a câmera trava... reiniciando.... atualizando ... recomeça a fala... o interfone toca... o cachorro late... assim, entre o espaço doméstico e o profissional, acadêmico e escolar é que chegamos aqui para partilhar pensamentos, reflexões e práticas sobre processos de formação. Fiquei dias pensando o quanto esse tema me provoca a investigar, estudar, pesquisar, dançar, escrever, desenhar e inventar outros caminhos para o ensinar e o aprender arte. Ao mesmo tempo, nesses mesmos dias fui atravessada pelo cansaço e o imperativo de compartilhar todos esses desafios com a mediação de uma tela. Ainda, sendo professora atuante da formação docente de professoras e professores artistas e pedagogos e pedagogas do ensino remoto emergencial me peguei provocada e desejosa de um novo caminho sobre como poderia ser esse encontro sem uma tela e um arquivo digital. E aqui estamos um encontro com o título ARTE – CORPO – MUNDO sentados olhando para a tela, mas agora com provocações, incômodos e desejos devidamente partilhados. Quero partilhar também conversas, referências, indicações, autores e autoras que tem atravessado e impregnado minha caminhada nesse percurso de formação em artes. Um processo de fricções entre o investigado, o criado e o sentido.

Assim seguimos...

Primavera, lua nova em libra

06 de outubro de 2021, 16h48.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

1 Ensinar e aprender pela experiência

Sentindo e pensando sobre percursos de formação docente, decido partilhar meu próprio processo de criação e elaboração para o segundo dia do "2o Colóquio do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil: ARTE – CORPO – MUNDO – O ensino da Arte Contemporânea com crianças pequenas e suas (inter)conexões"¹. Reflexões e desejos ainda sem forma ou fôrma pré-definida, naquele primeiro momento de elaboração, mas dispostos ao risco e ao rabisco sem amarras ou sem julgamentos. O percurso compartilhado acima é um caminho natural da minha experiência como artista professora pesquisadora: estudar, pensar, sentir, desenhar, escrever... A maioria dos registros processuais ficam nos vários cadernos de cada semestre, mas nessa oportunidade, um deles se torna público e testemunha esse processo. Mas por que isso agora? Essa partilha se justifica porque, para começar a falar de arte e educação e dos atravessamentos e fricções destas duas áreas de conhecimento, pergunto: e o que é ser artista? Você é artista? Eu sou artista? Para adentrar nessa seara, convoco a nos despirmos de qualquer senso comum sobre o que vem a ser artista. Ou seja, esqueçamos a visão tradicional do Artista, com A maiúsculo mesmo, como aquele gênio criador, com talento nato, capaz de produzir grandes Obras Primas para os grandes Museus. Deixando essa percepção de lado é que estaremos prontos a nos aproximarmos do sentido mais contemporâneo do artista como aquele que investiga e se dispõe à experiência de criação, que se afeta e se propõe afetar por meio de provocações poéticas, estéticas e também políticas. Que tenta, se arrisca, experimenta, propõe, inventa, integra, que pesquisa, que erra, acerta, pinta, borda, dança, recorta, escreve, canta, problematiza... que inventa a si mesmo e mesma e também o mundo.

Alinhavo esse primeiro contraponto com palavras e formas que me impulsionaram à fala no congresso e também a essa escrita, que incorpora parte da tese intitulada “Formações

¹ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=uKxfiK7c5oM>

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]*[Daniele de Sá Alves]*

(C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas" (ALVES, 2019), mostrando que o pensamento não é linear como aprendemos com os ocidentais, ou com aquela história da arte ensinada na maioria das escolas tradicionais. Assim como nossos fluxos, somos orgânicos, cíclicos, e, friccionando arte, educação, formação e experiência, a inquietação não-linear que desafia essa conversa é: de que maneiras o ensino de arte pode constituir uma experiência da arte, com arte e em arte nos espaços de educação? Ao priorizar a questão da experiência tem-se um foco muito específico, a partir do diálogo com o filósofo empirista John Dewey e seus estudos publicados no livro intitulado *Arte como experiência*. Mas o que significa aprender da experiência para Dewey?

Aprender da experiência é fazer associações retrospectivas e prospectivas entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições a ação torna-se uma tentativa; experimentar-se o mundo para saber como ele é. O que se sofre em consequência torna-se instrução – isto é, a descoberta das relações entre as coisas (DEWEY, 1959, p. 153).

Ao permitir "experimentar-se o mundo", a experiência se constitui em um "eu entre" que se dá, assim, como um "eu com"; ou seja, não é algo isolado, posto à distância, fragmentado e racionalizado, mas a produção de um elo, um vínculo entre sujeitos e entre sujeitos e acontecimentos, compartilhando espaços coletivizados, socialmente constituídos onde estamos todos e todas imersos e em condição relacional. Para isso, há um princípio na teoria de Dewey, que é o fato de uma experiência possuir mais qualidade se afetar experiências subsequentes, validando sua continuidade, essa afetação pode se dar por condições externas (ambientais), ou mesmo internas (traços individuais), necessárias para a constituição de uma experiência. Princípios de continuidade e interação estão em conexão e são inseparáveis, fazendo referência aos aspectos longitudinais e transversais de uma experiência (DEWEY, 2010). Entender a experiência como construção de conhecimento diz respeito aos processos cognitivos, por isso uma experiência educativa acontece quando o pensamento é construído por relações de continuidade e interação. Sendo a educação um processo permanente de reconstrução e

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

reorganização da experiência, caminho possível de percepção, compreensão e direcionamento das escolhas futuras, Dewey explica que:

Diferentes situações sucedem umas às outras. Mas, devido ao princípio de continuidade, algo é levado de uma para outra. Ao passar o indivíduo de uma situação para outra, seu mundo, seu meio ou ambiente se expande ou se contrai. [...] O que aprendeu como conhecimento ou habilitação em uma situação torna-se instrumento para compreender e lidar efetivamente com a situação que se segue. (DEWEY, 1971, p. 37)

Nesse sentido, tomar a arte como experiência supera o vínculo inicial da experimentação, sendo relacionada mais profundamente à construção do conhecimento crítico a partir de como o aprendizado é produzido, objetiva e também subjetivamente, como ato ou ação em si que atravessa o indivíduo e pode gerar uma transformação. Se, por meio da experiência, os modos de vivificação no mundo são ativados – sentir, tocar, mover, pensar –, para Dewey, a condição de expressão e comunicação se presentifica pela própria condição de ser e estar vivo atuando e relacionando com o mundo à sua volta. Ao articular o saber, o fazer e o sentir por meio de uma experiência, teoria, prática e poética são igualmente presentificadas, sendo este o fio condutor para o debate da formação docente em arte neste texto.

Corroborando com o pensamento de Dewey, e com foco no campo das artes, é preciso reconhecer que essas experiências extrapolam ainda mais o âmbito racional, para além de fatos, informações ou ideias, o campo de saber da arte abrange também sensações, percepções, sentimentos, inquietações, desejos, expressões, e tantas outras formas possíveis de fazer/pensar/sentir/viver na constituição de uma experiência em arte. Nesse sentido, retomo a reflexão sobre o desafio da formação do professor de arte a partir do questionamento: é possível ensinar e aprender arte isentando seu contato e frequênciação? É possível ensinar e aprender arte pela sua teoria? Qual o impacto da formação que se restringe à teoria na aprendizagem? Qual o sentido da experiência artística no processo de construção do conhecimento em arte na vida dos educadores, educandos e da própria sociedade?

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]*[Daniele de Sá Alves]*

Considerando a dimensão problematizadora e libertadora da educação (FREIRE, 1997), e a luta histórica de profissionais da área para inserção da arte como disciplina efetiva na grade curricular escolar. Também, evidenciando sua natureza crítica, reflexiva e criadora que age como conhecimento vivo nos territórios educativos e no compartilhamento dos saberes e da cultura, é possível identificar ressonância no debate da artista e educadora Isabela Frade sobre a potência da experiência artística nos processos de formação:

Ao mesmo passo, reconhecemos a condição transgressora da matéria arte nas tentativas de ultrapassar uma 'boa ordem' e operar sob uma lógica 'disciplinar/disciplinante': escapamos de formatos rígidos, pois a sua potência reside na sua qualidade maleável e plástica que não se caracteriza de forma diferenciada naquilo que a constitui: sons, cores, texturas, corpo, sensações, cheiro, movimento, jogos de liberdade com o corpo, com as (i)materialidades do próprio pensamento. Na disciplina 'arte', a força maior reside na sua prática criadora e libertadora, nos processos vivenciados enquanto instâncias de formação (FRADE *et al.*, 2017, p. 5).

Dessa forma, o questionamento suscitado é: como o ensino da arte pode constituir experiências significativas nos processos de formação docente e discente? Em consonância, tal provocação ganha força nas palavras de Mário Pedrosa, ao afirmar que "a arte é o exercício experimental da liberdade" (PEDROSA, 2015, p. 401). Assim, e ainda tomada pelo sentido da afetação imbricado em toda experiência em arte, é possível estabelecer um diálogo com o filósofo e educador espanhol Jorge Larrosa que, de um outro modo, evidencia a efetiva experiência como algo que "nos passa, nos acontece, nos toca," ou seja, acontece em nós, não apenas acontece e passa (LARROSA, 2014, p.25). A afetação proposta pela experiência exige abertura, olhar estrangeiro, encantamento, tempo, liberdade, deslocamento e transformação. Com isso, percebe-se a precisão de Dewey quando afirma que "a arte faz algo diferente de conduzir a uma experiência. Constitui uma experiência" (DEWEY, 2010, p. 184). Nesse paralelo, é importante perceber duas perspectivas da experiência, com olhares distintos, mas em fricção: Dewey situa experiência como evento de qualidades próprias em relação aos outros eventos, já Larrosa situa a experiência entre acontecimentos significativos capazes de impactar os sentidos para aquilo que nos sucede.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]*[Daniele de Sá Alves]*

Para mergulhar um pouco mais nos estudos sobre a arte como experiência de Dewey, é preciso entender que a experiência da arte supera a dimensão da reflexão tendo relevância também na esfera estética. O que equivale a perceber que o pensamento sobre arte e filosofia demanda uma relação sobre seus sentidos sociais considerando intrinsecamente seus contextos e suas historicidades. Ao fazer referência à filosofia da experiência de Dewey e sua relação com a arte é preciso ressaltar sua visão da perspectiva estética como experiência. Tal entendimento terá centralidade no seu pensamento, identificando essa relação como experiência estética, ou seja, experiência com qualidade estética. Isso porque a teoria estética tem atuação primordial na apreensão dos conhecimentos a partir de um viés sinestésico – função importante nos processos cognitivos. Nesse sentido, a experiência artística inclui os sentidos, e, por isso, o estético contemplando os processos de criação, e também os de apreciação, produção, percepção, fruição e deleite.

O ato estético como experiência se relaciona conscientemente ao sentido da criação com proporções e equilíbrios numa íntima aproximação entre o corpo e o mundo, já que a experiência que tem qualidade estética envolve qualitativamente apropriação, percepção, sensibilização, afetação e interpretação do sujeito em um processo singular e orgânico. Sendo a arte constituída por segmentos do pensamento subjetivo em conjunto com a ação objetiva em seus diferentes contextos históricos e sociais refletindo modos de expressão de cada tempo, só é possível pensar efetivamente em estética sob essa ótica contextualizada. Ela será o instrumento para aprofundar a questão da experiência da arte já que, para estabelecer uma relação entre arte e filosofia, requer considerar o sentido histórico-social dos dois conceitos. Nessa direção, e aprofundando um pouco mais, é que Dewey enfatiza a dimensão da experiência que denomina de experiência estética:

A obra de arte é um desafio à execução de um ato similar de evocação e organização, através da imaginação, por parte daquele que a vivencia. Ela não é apenas um estímulo a um curso de ação manifesto e um meio para adotá-lo. Esse fato constitui a singularidade da experiência estética, e essa singularidade, por sua vez, é um desafio ao pensamento. Em especial, é um desafio ao pensamento sistemático chamado filosofia, porque a experiência estética é a experiência em sua íntegra (DEWEY, 2010, p. 472).

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]
[Daniele de Sá Alves]

Ao incluir a experiência estética na identificação da arte como experiência, Dewey reafirma o ato de produção e de percepção da arte como integrados, sem que haja objetivamente uma separação. Ao criar, o indivíduo percebe e desfruta da produção em desenvolvimento num processo permanente de criação e fruição do que está sendo criado. Com isso, a concepção deweyana contribui significativamente para a percepção da dimensão da experiência a partir de seu contexto relacional com a construção do conhecimento, do refinamento perceptivo e da afetação dos sentidos para a constituição da experiência em arte, da arte e com a arte como caminho possível e potente para o processo de ensinar/aprender/viver arte.

2 Caminhos para a formação docente em artes

Pensando no contexto contemporâneo da docência em artes e, sobretudo, da formação docente em artes, levantamos os seguintes questionamentos: o que deve saber/fazer um professor para dar aulas de artes? O que se espera que este professor ensine? O que se espera que este professor aprenda/saiba/faça? Quais aprendizagens devem priorizar/promover? Quais os desafios e conquistas envolvem este processo? Para ajudar a pensar nisso, é possível recorrer aos testemunhos de alunos/futuros professores durante os estágios curriculares supervisionados, quando acompanham aulas de artes de professores já formados e retornam às salas da licenciatura para refletir sobre as práticas observadas. Neste movimento, o retorno mais frequente são depoimentos² sobre vivências de práticas expressivas modernas nas escolas básicas, revelando um real distanciamento de experiências com/da/em arte, e, inclusive, das abordagens contemporâneas tanto das artes quanto do ensino de artes.

Recorrendo à trajetória do ensino de arte no Brasil, é possível identificar diferentes influências de correntes pedagógicas e artísticas com a utilização de vários métodos ao longo

² Constatação da autora a partir da experiência de orientar estágios curriculares supervisionados e mediar cursos de formação docente em artes.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

do tempo. No século XX, modelos estrangeiros foram apropriados na chamada "educação artística" brasileira, de forma reducionista e equivocada, na maioria das vezes. A professora Ana Mae Barbosa evidencia o descompasso entre o ensino de artes e as práticas artísticas em diferentes momentos da história nacional:

Na ditadura, em 1960, a arte na escola foi reduzida ao desenho geométrico. A reforma educacional, de 1971, trouxe à tona a polivalência do professor de artes, impactando na conformação das licenciaturas em artes. Somente nos anos 1980, a reflexão crítica sobre o ensino da arte veio à tona com os movimentos sociais pela democratização, impactando novas visões e práticas para as artes nas salas de aula. Entre os anos 1980 e 1990, avanços significativos contribuíram para o fortalecimento da arte educação como a criação de associações de arte educadores e também do Programa de Pós-Graduação da USP, impulsionando pesquisas e investigações sobre o assunto. (BARBOSA, 2015, p. 40).

Revisitar este percurso ajuda a entender o contexto atual, a buscar novos caminhos, e, assim, chegar ao século XXI com referências mais críticas e plurais, impulsionadas pelo avanço acelerado dos meios de comunicação e informação e, certamente, também, pelo crescente fortalecimento da área, que contou com grande engajamento e mobilização de artistas e educadores e, principalmente, educadoras brasileiras.

Considerando que a arte contemporânea acolhe a diversidade e amplia suas expressões e manifestações entre suportes, linguagens, materialidades e temas, podendo se assumir política, propositiva, interativa, relacional e processual, uma pista para entender o seu, ainda, distanciamento do ensino das artes praticado na maioria das escolas básicas, atualmente, pode ser por meio de uma revisão na percepção de arte e de educação em que os atuais professores foram formados – décadas de 1960, 1970, 1980 – ou seja, predominância pelo tecnicismo das escolas tradicionais e até dos modelos reprodutivos do modernismo. A professora Luciana Loponte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, comenta sobre a persistência de tal contexto nas escolas da atualidade:

Muitas práticas ultrapassadas ainda presentes nas escolas – como desenhos estereotipados prontos para colorir e aulas de arte que privilegiam a elaboração de presentes para datas comemorativas – são constantemente alimentadas por um mercado editorial que aposta na ignorância docente e na busca por receitas fáceis. Outros

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

problemas se acumulam, quase sempre relacionados à formação docente precária, principalmente em uma área como a arte, sobre a qual ainda se pensa que uma formação mais consistente é desnecessária, já que seria algo realizado em função de um “dom”, ou de uma “habilidade estética” individual (LOPONTE, 2005, p. 1).

Mesmo em pleno século XXI, um senso comum presente, inclusive, em muitas das escolas básicas – insiste em crer na figura do artista como aquele genial, possuidor de um dom divino, com talento e habilidades nascidas, e a reduzir a arte ao clássico ideal de belo, que, na escola, é, comumente, apropriado em práticas expressivas nas formas decorativas, artesanais e nas funcionais “lembrancinhas” para familiares nas datas comemorativas. Outro ponto importante é a questão do mercado editorial de livros didáticos e apostilas repletas de aulas prontas, com conteúdos generalistas e engessados, daí a crítica nas palavras de Loponte indicando que, muitas vezes, o próprio mercado editorial subestima a excelência da formação docente nacional. Dessa forma, investir na eficácia da experiência em arte na formação docente se justifica pensando em seu reflexo para as futuras gerações de professores e professoras artistas e, conseqüentemente, para seus alunos e alunas. É possível encontrar este mesmo sentido de reverberação na fala da artista educadora Stela Barbieri, apontando que, com um desenvolvimento processual e comprometido, fomentado por meio da formação e atuação docente, qualifica a formação discente, envolvendo família, comunidade e outras instituições vinculadas neste contexto:

Para que a sociedade como um todo e a escola em particular se aproximem ainda mais do universo da arte é necessário que o professor cuide da qualidade da experiência do ensino da arte, sensibilizando e preparando os alunos, o que certamente repercutirá sobre os pais, e que as instituições de arte ofereçam diferentes possibilidades de aproximação: material gráfico, vídeos, palestras, visitas monitoradas, etc. (BARBIERI, 2004, p. 2).

Pensando nas possibilidades a que se refere Stela Barbieri, há abordagens e metodologias na contemporaneidade potentes na constituição de experiências em arte. Considerando que uma metodologia é construída com base em valores e modelos epistemológicos e seu desenvolvimento se dá a partir de observações, estudos, análises, reflexões, invenções, testagens, narrativas e contestações, é preciso perceber como cada uma

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

poderá implicar formas de experiência distintas, e destas, outros novos caminhos, abordagens e metodologias podem surgir. Segundo as autoras Ferraz e Fusari (2009, p.139) a metodologia de ensino faz referência aos “encaminhamentos educativos postos em prática nas aulas e nos cursos de Arte”. Dessa forma, desenvolver processos significativos no ensino de arte, experimentar abordagens, conhecer perspectivas contemporâneas, e criar sua própria metodologia para cada contexto educacional é o grande desafio de todo professor. Pensando nisso, traçamos um paralelo da construção de uma metodologia de ensino com o que nos diz Salles sobre a experiência de criação de uma obra:

No momento da construção da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo posta à prova. São feitas seleções e opções que geram alterações e que, por sua vez, concretizam-se em novas formas. É nesse momento de testagem que novas realidades são configuradas, excluindo outras. E, assim, dá-se a metamorfose: o movimento criador. Tudo é mutável, mas nem sempre é mudado (SALLES, 1998, p. 142).

Ao aproximar o processo de criação artística do caminho de construção de uma metodologia de ensino então é possível perceber/reconhecer o investimento na potência da experiência em arte para o ato criador na educação e na formação docente. Para isso, apostamos nas abordagens e metodologias contemporâneas dedicadas ao ensino de artes como caminho possível para a constituição de experiências em arte, com arte e da arte.

O campo da Arte Educação Contemporânea conta com uma gama de conceitos, experiências, estudos, publicações, cursos, congressos e referências que contribuem para qualificar a ação artística e pedagógica dos seus agentes. Com essas bagagens, as abordagens e metodologias podem ser construídas a partir da subjetividade de cada professor em adequação ao contexto das suas turmas em sala de aula ou qualquer outro espaço educativo. Como abordagens, concepções e metodologias contemporâneas, identifica-se a sistematização de processos e referenciais teóricos para o ensino de arte desenvolvidos a partir da década de 1980, dentre os quais, é possível destacar alguns nomes: Abordagem Triangular, Estética do Cotidiano, estudos da Cultura Visual, concepção da Cognição Imaginativa, abordagem dos

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

o ensino de artes contribuem para a defesa da potência da experiência em arte na formação docente? Sendo essas algumas das abordagens possíveis para o ensino da arte nos dias atuais, importante registrar a existência de consonâncias e dissonâncias entre elas e, ainda que cada uma garanta suas particularidades. Elementos como reflexão, provocação, construção do pensamento crítico e intercultural, experiência da arte, respeito e a valorização dos saberes, dos fazeres e das histórias de vida dos sujeitos envolvidos no processo de ensinar, aprender, experimentar e criar compõem importantes referenciais contemplados em seus repertórios.

Suscitar as abordagens metodológicas contemporâneas de ensino de arte é uma forma de trazê-las para o debate, impulsionar seus processos, fortalecer seus pressupostos e os próprios pares, pesquisadores e nomes de referência dessas construções. Tais abordagens contribuem para a constituição e a escrita contemporânea da história do ensino de arte, e a experiência de cada uma delas é potente para a construção das identidades docente e discente em artes, fortalecendo e qualificando, conseqüentemente, o campo da Arte Educação. Mas, então, o que ainda falta? Tais abordagens ainda estão significativamente distanciadas do ensino de arte praticado na maioria das escolas, principalmente no ensino básico. Para que o fluxo aconteça, é preciso pesquisar, desenvolver, experimentar as novas abordagens e até inventar outros caminhos contemporâneos para o ensino de artes e sua formação docente. Com isso é possível esperar (FREIRE, 1992) e projetar o reflexo desta prática nas futuras gerações de alunos e alunos dos futuros professores e professoras em formação.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

3 Formação em processo: Reflexões finais

Pensar o processo de formação como um movimento de (re)construção permanente, é o que nos propõe o professor Antônio Nóvoa, esse mesmo sentido é reiterado no decorrer de todo esse texto, tendo como eixo estruturante o saber da experiência em arte, com arte e da arte.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p. 25).

Para abrir espaços à experiência da arte e ao desenvolvimento de processos artísticos, friccionando provocações, ideias, materialidades, inquietações, metodologias, suportes e linguagens é urgente descolar o ensino de arte das atividades ilustrativas. Vivificar a Arte de forma autônoma como campo de conhecimento em si, e não a serviço de, como instrumento de, como caminho para... esse é o embate a ser superado. No texto de abertura do caderno "Escolhas, Rotas e Desvios" do material educativo da "32ª Bienal de Arte de São Paulo" a pesquisadora Valquíria Prates endossa essa percepção:

Desse modo, fazer educação como quem faz arte implica a disponibilidade de experimentar as próprias ações desenvolvidas em escolas, centros culturais e exposições: a consciência de que é preciso deixar de utilizar obras de arte apenas para ilustrar temas e conceitos, e passar a arriscar e desenvolver uma postura ativa de pesquisa em relação aos processos artísticos e seus desdobramentos (PRATES, 2016, p. 5).

A postura ativa, disposta ao risco e ao rabisco, à experiência dos processos e desdobramentos da arte é o desafio em todas as instâncias de formação, provocar essa postura pode exigir ir mais além, transgredir a forma e mais explicitamente se arriscar às deformações, às transformações, às performances (ALVES, 2019), mais do isso, quem sabe até desaprender para (re)aprender e ensinar de uma nova maneira? Manoel de Barros nos mostra essa essência

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

do trabalho de criação: “Desaprender umas oito horas por dia para adquirir um novo olho, digamos, um olho infantil, para olhar o mundo como se fosse a primeira vez. (...) Criar, para mim, começa exatamente no desconhecer” (BARROS apud OLIVEIRA, 2010, P.85). Em consonância com a proposta do poeta, as professoras e pesquisadoras Virgínia Kastrup e Rosimeri Dias propõem uma "formação inventiva" (DIAS, 2015), para elas, explorar a potência da inventividade nos processos de formação permite instaurar territórios de pensamento e intervenção capazes de acolher subjetividades, e com isso liberar expressividades estéticas, éticas e políticas.

Neste fluxo é que esse texto se despede, mas o trabalho segue, compartilhando provocações, desafios, poéticas e inquietações de uma professora artista pesquisadora em estado de formação de si e também de mais docentes e discentes artistas e pesquisadores. O movimento de interação entre experiências inventivas e performativas para o ensinar e aprender arte permanece buscando caminhos outros, dialógicos e possíveis para o efetivo exercício das identidades de artista professor pesquisador / artista professora pesquisadora, e suas reverberações tanto na arte quanto na educação, e, sobretudo, na Arte Educação.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]
[Daniele de Sá Alves]

Referências

ALVES, Daniele de Sá. *Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas*. 2019. 293 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BARBIERI, Stela. *As escolas navegam pelo universo da arte*. *Folha Educação*, n. 24, mar./abr. 2004. Disponível em: http://www.stelabarbieri.com.br/edu/pub/txt_001.htm. Acesso em: jun. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. *John Dewey e o ensino de arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2015.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1976.

DEWEY, John. *Experiência e natureza: textos selecionados*. São Paulo: Abril, 1974.

DEWEY, John. *Democracia e educação*. 3. ed. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DIAS, Rosemeri de Oliveira. *Pesquisa-Intervenção e formação inventiva de professores*. *Revista Polis e Psique*, 5(2): 193 – 209, 2015.

FRADE, Isabela; ALVES, Daniele de Sá; ALVARENGA, Ana; RANGEL, Clarice. *Arte, experiência política e formação docente*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS: MEMÓRIAS E INVENÇÕES, 26., 2017, Campinas, *Anais...* Campinas: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, PUC-Campinas, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

[Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação]

[Daniele de Sá Alves]

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, gênero e ético-estética docente.** In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 28., Caxambu (MG), 2005. *Anais... 28ª Reunião Anual da ANPED - 40 anos de Pós-graduação em Educação no Brasil.* Manaus - AM: Microservice Tecnologia Digital da Amazônia, 2005. p. 1-16.

OLIVEIRA, Humberto Moacir de. **Por uma desaprendizagem [manuscrito] : letra e transmissão em Manoel de Barros.** Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PEDROSA, Mário. **O 'bicho-da-seda' na produção em massa.** In: MAMMI, Lorenzo (org.). *Mário Pedrosa: arte, ensaios.* São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 400-405.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo. FAPESP. 1998.